A antiguidade da ocupação humana de Manaus: visto pelos achados arqueológicos

(Carlos Augusto da Silva)
(Eduardo Góes Neves)



A Antiguidade humana na Amazônia remonta aos períodos geológicos final do *Pleistocênico* e início do *Holoceno*, no qual houve uma mudança de temperatura na região, e isto possibilitou a agregação da ocupação humana ao longo das margens dos rios, igarapés, furos, abrigos (cavernas) e outros. Neles foram depositados sinais comprobatórios da ocupação, tais como: *pinturas rupestres, líticos (pedra polida), pequenos estruturas de fogueiras (trempe), ossos de animais, sementes das espécies vegetais...*

Essas evidências começaram a ser percebidas a partir da observação do naturalista brasileiro Domingos Soares Ferreira Pena, que esteve na foz do grande rio Amazonas em meados de 1870.

Em Manaus, a Antiguidade começa a ser referendada, com a identificação e/ou achados, do pesquisador alemão *Peter P. Hilbert*, que esteve a serviço do *Museu Paraense Emilio Goeldi*, no baixo rio Negro e rio Japurá, na primeira década de 1950. De posse dos dados escreveu alguns artigos sobre a permanência e ocupação de populações que manipularam áreas chamadas de *sítios arqueológicos*, nesses locais coletou e resgatou artefatos *cerâmicos arqueológicos* associados a solos de *terra preta*, que por outro lado, justifica a permanência de grupos humanos com datas bem recuadas próximo há 2 mil anos, antes a conquista européia do século XVI.

Esse material coletado permitiu a elaboração de duas fases ceramistas ligadas à Tradição Borda Incisa: "Manacapuru", "Paredão" e uma outra a subtradição denominada "Guarita, ligada à Tradição Policrômica da Amazônia". As datações radiocarbônicas para a primeira Tradição na Amazônia Central mostram datas do século I d.C. ao século XI d.C. Já a segunda, estaria em uma linha cronológica com datas do século IX d.C. até a conquista portuguesa.

Os achados relacionados às cerâmicas "Paredão" e "Guarita" foram identificados na época no antigo bairro "Paredão" (hoje Colônia Oliveira Machado), no canteiro da obra da Refinaria de Manaus e no aeroporto de Ajuricaba (Ponta Pelada). Como podemos perceber, Hilbert denominou as indústrias cerâmicas referenciando os locais de onde foram retiradas. A subtradição "Guarita" foi denominada em função da pequena casa de segurança do guarda do Aeroporto, daí o nome *Guarita*, bem como a fase

Paredão que teve seu nome denominado também assim, porque havia uma grande parede de cor ocre que se estendia da antiga Serraria dos Pereiras até defronte à Ilha do Marapatá. Atualmente, o sítio está em ruínas, pelas constantes obras realizadas pelas empresas de navegação.

Fontes:

1. Neves, Eduardo Góes. 2000. Levantamento Arqueológico na Área de Confluência dos rios Negro e Solimões – Julho, 1999 a agosto, 2000. *Relatório enviado à Fapesp*.
2. SIMÕES, M. Ferreira. 1981. O Inpa e o Museu Goeldi nos 30 ano do CNPq. *Acta Amazônica*, Manaus, 11(1): Suplemento, mar., 1961.206 p.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

